

## Anexo II<sup>1</sup> RELATÓRIO PROJETO AGRO +

### **Produtos / Metas:** 1.2

Relatório de indicadores econômicos em nível regional com análises de competitividade da cafeicultura e pecuária de leite em nível microrregional e de indicadores de sustentabilidade ambiental.

**Trimestre de referência:** 3º trimestre do Projeto AGRO+

**Ação:** Análise econômica – Programa ATEG Café+Forte, baseada na metodologia construída e apresentada no 1º Relatório trimestral do Projeto AGRO+.

O texto foi elaborado pela analista Ana Carolina Alves Gomes, realizando análise de informações de safra de café, cenário econômico e dados compartilhados pela GATG, Nathália Filgueiras.

---

<sup>1</sup> Anexo II do 3º relatório parcial do Projeto AGRO+ (TERMO DE COOPERAÇÃO SENAR-MG/INAES Nº 006/2020)

## Indicadores Econômicos de Mercado de Café

A seca e a geada que atingiram as lavouras de café no ano passado deverão impactar a safra do grão prevista para este ano. Segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), divulgados no dia 18 de janeiro (terça-feira), neste primeiro momento, a produção brasileira de café foi estimada em 55,7 milhões de sacas. Há um aumento previsto de 16,8%, frente ao volume obtido na safra passada 2021, que foi muito prejudicada). Porém, em relação a 2020, que foi de bialidade positiva como deve ser a de 2022 e é a base de comparação mais indicada, a projeção é de uma safra 11,6% menor, justamente em decorrência das adversidades climáticas no início do ciclo em muitas das regiões produtoras.

Durante a fase reprodutiva dos grãos para safra 2022 ocorreram os problemas que poderão impactar a safra: períodos prolongados de estiagens (junho a setembro/21) e as geadas em áreas cafeicultoras (julho/21), prejudicando a florada e o pegamento dos chumbinhos (grãos novos). Os efeitos das fortes chuvas que têm castigado o estado ainda não foram avaliados neste primeiro levantamento da Conab.

Os efeitos climáticos têm reduzido o potencial produtivo neste período de bialidade positiva, o que levará à produção menor do que a esperada também em Minas Gerais. Assim, a primeira estimativa da Conab para a temporada 2022, indica que a produção estadual seja de 26,9 milhões de sacas, sendo a grande maioria do tipo arábica. Tal projeção representa aumento de 21,9% em comparação ao total colhido na temporada passada 2021. Porém, em relação à última safra de bialidade positiva (2020), a redução chega a 22%.

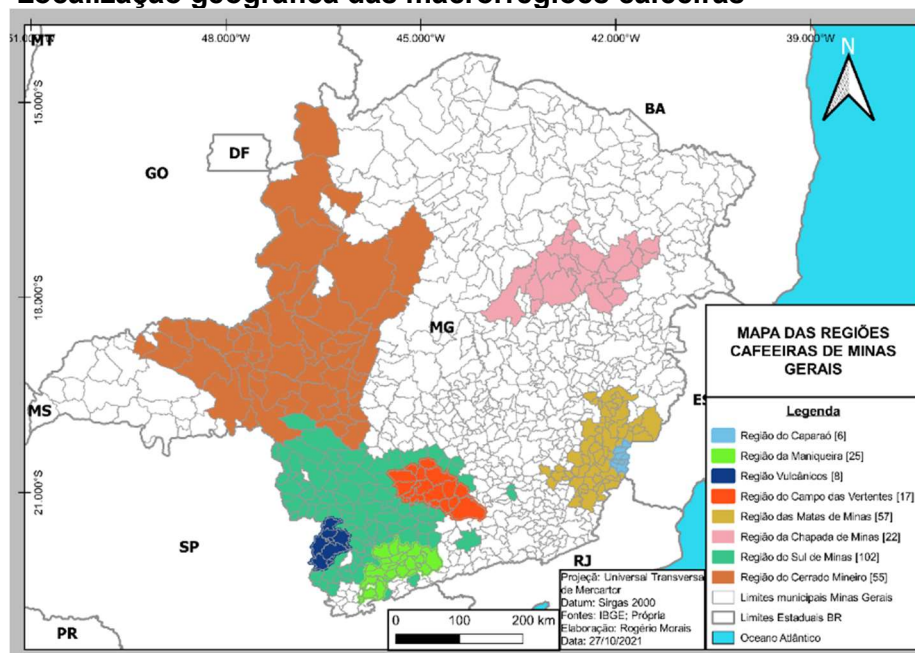
Minas Gerais é o estado tradicionalmente reconhecido como o maior produtor do grão no país. Para se ter ideia, nas últimas safras, a cafeicultura mineira produziu quase a metade de todo o volume colhido nacionalmente, reforçando a relevância do estado para o mercado do café tanto no Brasil quanto no exterior.

### *Safra 2022 nas regiões:*

- Sul de Minas 13,9 milhões de sacas (+21,9% frente a 2021 e -27,1% frente a 2020);
- Cerrado Mineiro 4,8 milhões de sacas (+1,2% frente a 2021 e -19,4% frente a 2020);
- Matas de Minas 7,4 milhões de sacas (+51,9% frente a 2021 e -15% frente a 2020);
- Chapada de Minas 718,8 mil sacas (+3,6% frente a 2021 e +2,2% frente a 2020) considera-se a maior representação do cultivo da variedade conilon, que é mais resistente e sofre menos com as intempéries climáticas.

Na Figura 1, a especificação da localização das regiões produtoras em Minas Gerais.

**Figura 1 – Localização geográfica das macrorregiões cafeeiras**



Fonte: Elaborado pela GTEC com base nos dados da Portaria IMA Nº 401/2000.

Os dados da CONAB são preliminares. É muito cedo para estimar qualquer número. As previsões divulgadas foram levantadas em dezembro, quando as lavouras estavam em pagamento do chumbinho. Em janeiro, tivemos muita queda destes pequenos grãos, de acordo com relatos de produtores de todas as regiões; além de perdas estimadas por phoma (doença fúngica) e outras adversidades. Estamos em fase de enchimento dos grãos, as chuvas se fazem benéficas. Até o início da colheita (fim de abril, maio), muita coisa pode acontecer.

É preciso cautela e acompanhamento.

Em tempos de adversidades e incertezas, ter a gestão dos custos de produção, saber a melhor hora da compra dos insumos, realizar os manejos necessários, e vender a safra se tornam decisivos para sobrevivência e manutenção da atividade.

Com isso, as ferramentas de gestão financeira tendem a ganhar cada vez mais relevância, com o objetivo de proteger a margem da produção: Assim como o produtor utiliza ferramentas como, por exemplo, novas tecnologias de sementes, defensivos agrícolas de ponta e maquinários modernos para superar os desafios do campo, soluções em comercialização devem ganhar cada vez mais espaço nesse cotidiano na evolução da atividade agrícola.

O Programa de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) Café+Forte, do Sistema FAEMG, torna-se um diferencial competitivo para os produtores participantes.

No ano de 2021 foram mais de 2 mil participantes, onde, os resultados estão sendo levantados por meio de ações de benchmarking.

Previamente, pode-se observar em 37 grupos participantes das 4 macrorregiões cafeeiras (Sul de Minas, Matas de Minas, Cerrado e Chapada), que a produtividade foi acima da média nacional (base CONAB), apresentando média de 31,3 sacas por hectare, enquanto os dados de Minas Gerais apontaram 27,2 sc/ha, maior em 15%, demonstrando diferencial no acompanhamento técnico mensal nas propriedades cafeeiras, mesmo àquelas atingidas pela geada, seca e granizo.

Ao comparar por macrorregião, temos a produtividade média para a safra 2021:

**Tabela 1 – Produtividade Média – Safra 2021 (sacas/hectare)**

Região	CONAB	ATeG C+F	Comparativo
Sul de Minas	28,45	30,2	6,2%
Cerrado	27,18	35,7	31,3%
Matas de Minas	25,30	30,4	20,2%
Chapada	27,31	23,6	-13,6%

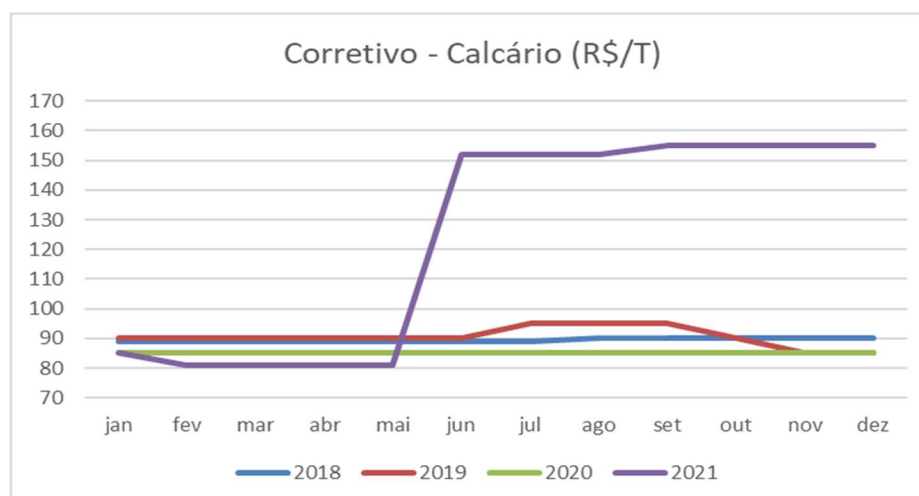
Fonte: Elaborado pela GTEC com base nos dados da CONAB (2022).

A região da Chapada Mineira apresentou decréscimo devido a maior área formação, e consequentemente, menor área em produção, impactando na análise do biênio com menor produtividade.

Além da produtividade como fator minimizador dos custos de produção, outro ponto de atenção é a compra de insumos. Uma alternativa é alinhar a aquisição dos insumos com a venda da produção para calcular a relação de troca. Dessa forma, é possível saber o custo em sacas por hectare da próxima safra e, com isso, evitar que a aquisição de insumos a preços elevados ocorra, sem a contrapartida de cotações atrativas na hora de vender.

Nesse quesito é importante verificar a variação dos preços dos principais insumos utilizados nos tratos culturais, principalmente os fertilizantes. De 2020 para 2021, os insumos mais utilizados na cafeicultura sofreram aumentos expressivos.

**Figura 2 – Evolução dos preços do Corretivo - Calcário (R\$/T)**



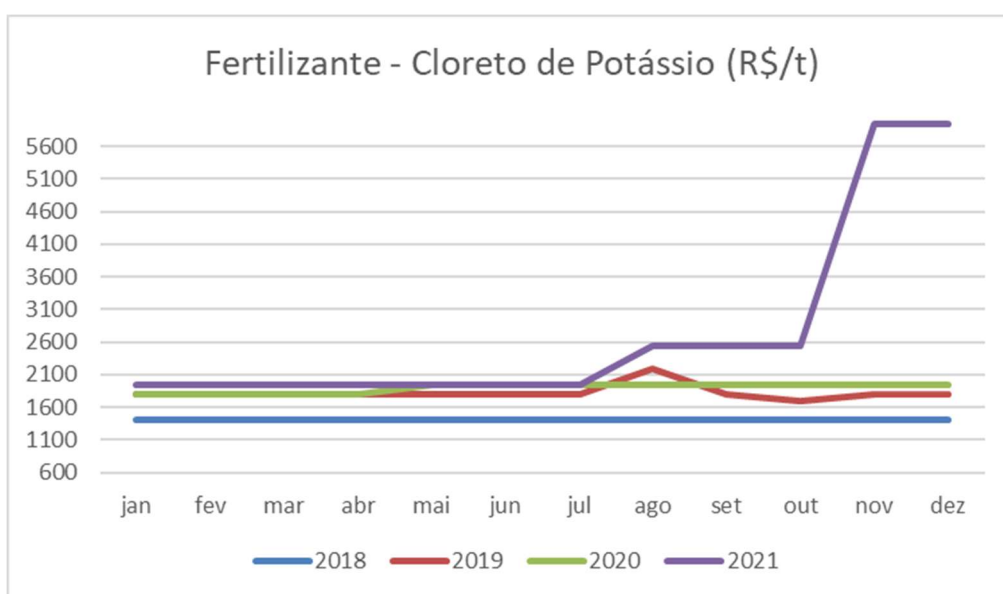
Fonte: Elaborado pela GTEC com base nos dados da CONAB (2022).

O valor do calcário, principal insumo utilizado para correção de solo, ao longo dos últimos anos pouco se alterou (Figura 2), porém, em 2021 o valor deste elevou-se em 82,4% a partir de maio, época em que é iniciada a compra para sua aplicação nos meses seguinte, passando de R\$ 81/ton para R\$ 155/ton.

Feita a correção do solo, iniciam-se as adubações. Em 2021, os valores dos fertilizantes compostos como 20-05-20 (mais utilizado na cafeicultura) aumentaram 148,4% em relação a 2020, saindo de R\$ 2.133,3/ton (nov/20) para R\$ 5.300/ton (nov/21) – dados CONAB (2022).

Assim como o ácido bórico (+21,3%) que é importante para a reprodução das plantas; e os insumos para trato fitossanitário como os inseticidas (+39,6%), fungicida (+24%).

**Figura 3 – Evolução dos preços do Fertilizante - Cloreto de Potássio (R\$/t)**

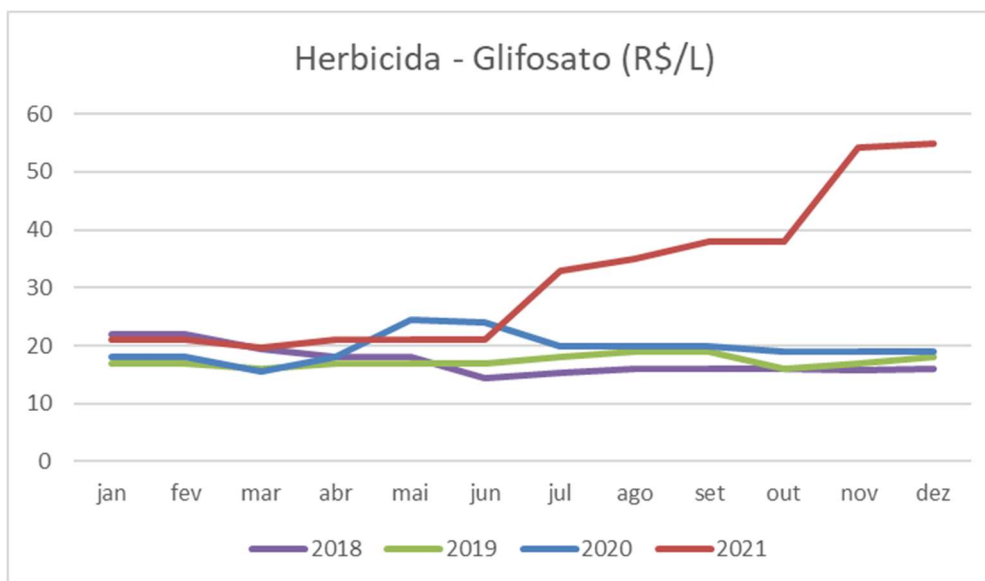


Fonte: Elaborado pela GTEC com base nos dados da CONAB (2022).

O potássio é o segundo nutriente mais exigido pelo cafeeiro, perdendo apenas para o nitrogênio (N). Além de ser um potencializador no metabolismo da planta, é importante destacar sua participação no enchimento dos grãos, e conseqüentemente, da produtividade. O cloreto de potássio sofreu aumentos significativos (Figura 3), chegando a 205,1% em dezembro (se comparado a 2020).

Para uma eficiência no uso e aplicação dos insumos acima citados, é indispensável o controle de plantas daninha, ou seja, retirada do mato e demais espécie vegetal que cresce onde não é desejada. Na cafeicultura é tradicional o uso de controle químico, com aplicação de herbicidas (glifosato) nas entrelinhas da lavoura.

**Figura 4 – Evolução dos preços do Herbicida - Glifosato (R\$/L)**

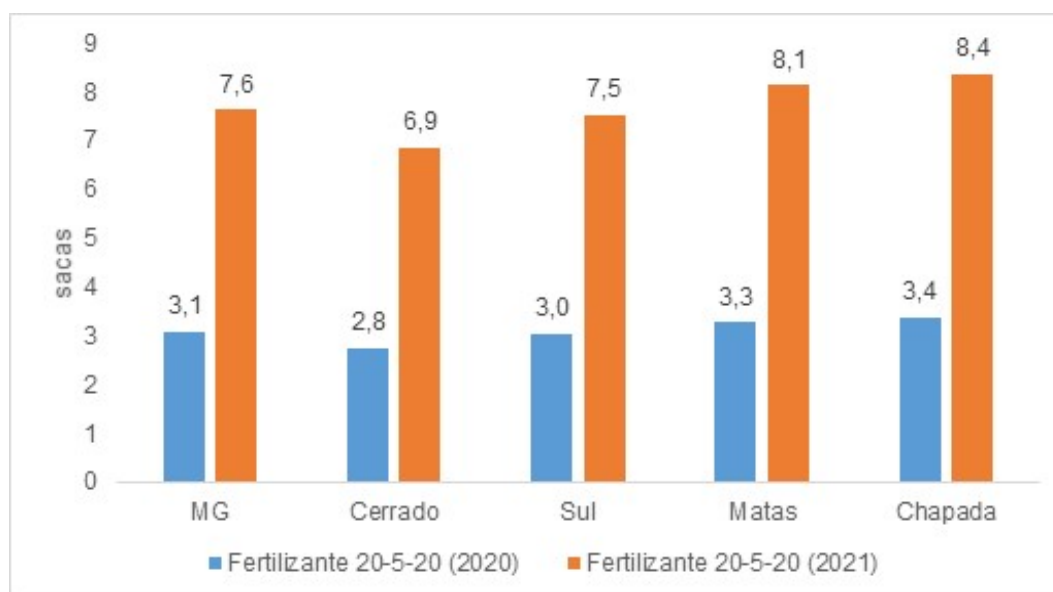


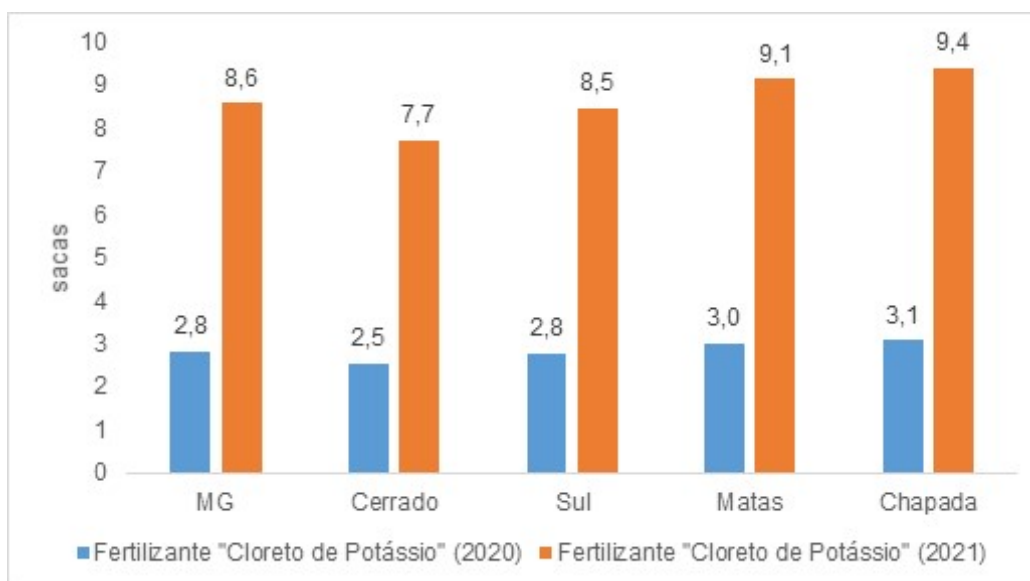
Fonte: Elaborado pela GTEC com base nos dados da CONAB (2022).

Como outros insumos, os herbicidas sofreram aumentos significativos entre 2020 e 2021 (Figura 4), chegando a 189,5% em dezembro, saindo de R\$ 19/L (dez/20) para R\$ 55/L (dez/21).

Diante dos aumentos expressivos dos insumos, calculou-se a relação de troca dos principais, que possuem maior valor de mercado, e, conseqüentemente, impactam mais no bolso dos produtores participantes do ATeG C+F (Figuras 5 e 6).

**Figura 5 e 6 – Relação de Troca – Insumo X Saca de Café (sacas)**





Fonte: Elaborado pela GTEC com base nos dados da CONAB (2022).

Observa-se que entre 2020 e 2021 a relação de troca foi negativa, ou seja, tornou-se necessário mais sacas de café para adquirir a mesma tonelada do insumo, com aumento de +148% para o adubo 20-5-20 e +205% para o cloreto de potássio.

A região com menor impacto foi Cerrado Mineiro (2,8 sacas para 6,9 para o adubo 20-5-20) e o maior a Chapada Mineira, que precisou adicionar mais 5 sacas para compra do mesmo adubo.

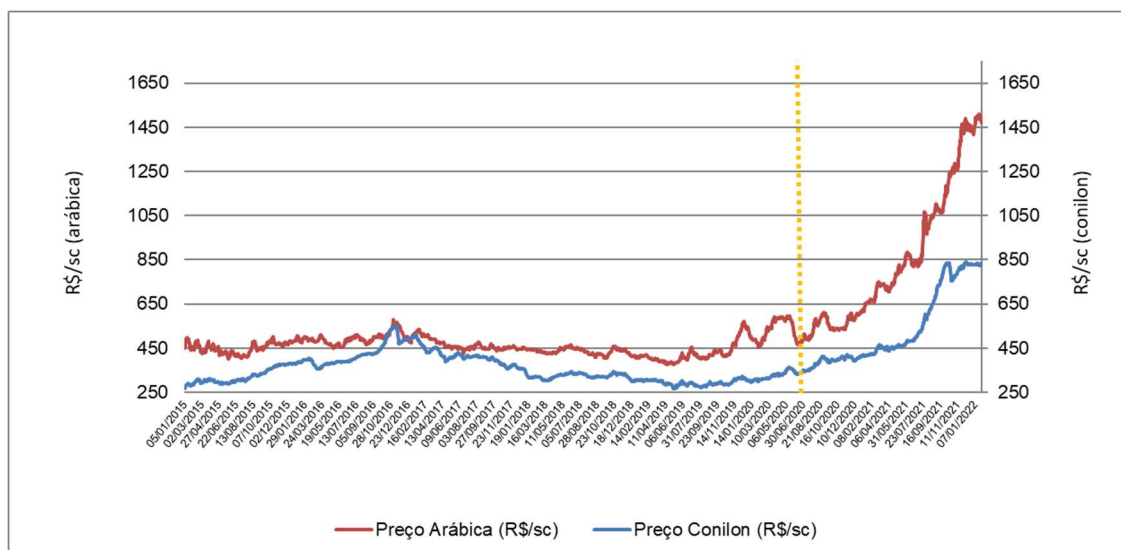
Se comparada relação de troca do cloreto de potássio, a análise chegou semelhante, porém, torna-se necessário mais 5,2 sacas no Cerrado, e mais 6,3 sacas para a região da Chapada Mineira.

Diante do exposto, é essencial a gestão dos custos de produção, verificando o melhor momento e opções de compra dos insumos e também para venda da produção.

Para proteger as margens, o produtor também deve estruturar sua política de comercialização com intuito de definir o uso de ferramentas e estruturas de vendas da produção, assim como criar parâmetros para acelerar ou reduzir o ritmo de suas negociações em função dos efeitos que a volatilidade pode trazer ao negócio agrícola.

O mercado é volátil e vale estar preparado para atuar e tomar decisões em diferentes cenários tanto de preços em alta quanto em possíveis quadros de baixas do mercado. No mesmo ano foi possível observar variações positivas nos preços dos cafés – arábica e conilon, que diante da menor oferta (bienalidade negativa e problemas climáticos), valorizaram o produto, principalmente após os efeitos da geada (julho/21) – como é verificado na Figura 7.

**Figura 7 – Evolução dos Preços Nominais de Café – Arábica e Conilon (R\$/sacas)**



Fonte: Elaborado pela GTEC com base nos dados da CEPEA (2022).

A política de comercialização aliada a boa apuração de custos, governança e ferramentas de gestão são essenciais para a sustentabilidade dos negócios agrícolas. Estratégias orientadas à minimização da volatilidade dos resultados no longo prazo possibilitam ao produtor otimizar sua gestão de seus riscos e espaço para planejar seus investimentos.